

LITERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho
Poemas de José Craveirinha

CANTIGA DO BATELÃO

Se me visses morrer
os milhões de vezes que nasci

Se me visses chorar
os milhões de vezes que te riste...

Se me visses gritar
os milhões de vezes que me calei...

Se me visses cantar
os milhões de vezes que morri
e sangrei...

Digo-te irmão europeu
havia de nascer
havia de chorar
havia de cantar
havia de gritar

E havia de sofrer
a sangrar vivo
milhões de mortes como Eu!!! (OP, p. 35)

ANTI-LIRISMO INÚTIL

Não alfabetizes as palavras.
Lê-as uma por uma, meu amor,
e solda o sentimento ao que elas
juntas e despidas te dizem.

Lindo o verso
faz-se do alfabeto momentâneo
que desejamos liricamente
folheando o livro dos sinónimos.
Mas o poema
esse organiza ou ressuscita
visceral consoante a humildade
com que somos mexoeira do fértil chão
o legível som exterior do xitende
o plasma longínquo dos tambores
ou a espancada
consciência do homem vivo. (PP, p. 43)

A VIDA

A vida
órfã de sempre
dá-me em cada verso
uma veia esticada em mim
a retinir poesia.

Deus deu-me
esta arte mínima
de confessar as coisas
dizendo tudo a fingir.

E desta dádiva me sirvo
polígamo de nostalgia. (ibid., p. 30)

ÁFRICA

A sombra
exige-me um silêncio
meio repleto de sonhos.

E o amor
sentido é o pressentimento
que vai do sentir ao ser.
Mas absurda
a realidade
fantástica
é um pontapé acordado.

E se perscruto a noite
a África sai-me gritando. (ibid., p. 80)

MAMPSINCHA

A mampsincha
é um fruto africano
rasteiro ali onde nasce
e cresce de cor verde
enquanto púrpuro se não torna
e já sazonado o levanta
nas puras mãos de ébano
o negrinho na gula do seu caroço. (OP, p. 66)

Menino gordo comprou um balão
e assoprou
assoprou com força o balão amarelo.

Menino gordo assoprou
assoprou
assoprou
o balão inchou
inchou
e rebentou!

Meninos magros apanharam os restos
e fizeram balõesinhos. (ibid., p. 70)

Aos cinquenta anos de idade
toda a gente reconhece a Maria
mas unicamente, só eu
posso revelar a fútil narrativa
da esposa Maria e do seu marido Zé.

Maria com os nossos filhos para se distrair.
Maria dona de noites inteiras para não dormir.
Maria uma sistemática viúva de tudo na Mafalala.

Minha tão simples esposa Maria
incansável na quotidiana viuvez por mim
nos imitigáveis quatro anos do meu ocioso
falecimento numa exclusiva urna de óptimo ferrolho
com uma clássica paisagem de ferros em quadrilátero
na hipotética janela.
(M, p. 9-11)

Minha bela esposa Maria!
Tão bela esposa no aneurisma sem respeito pelo seu drama.
Tão bela esposa no realismo socialista do rústico fogareiro a carvão.
Tão bela esposa cliente incorrigível das farmácias.
Tão bela esposa de pé aos solavancos no machimbombo 13.
Tão bela esposa madrugando na consulta externa.
Tão bela esposa hoje... senha da Clínica Geral.
Tão bela esposa amanhã... senha da Cirurgia
Tão bela esposa depois... senha da Cardiologia.
Tão bela esposa a seguir... senha do Raio X.
Tão bela esposa também na Oftalmologia
e tão bela esposa voltando mais neura
da Neuropsiquiatria.
(M, p. 13)

Minha tão bela esposa Maria!
Ninguém dela tão indigno como o seu único marido
neste momento a redigir sua autobiografia de ex-falecido
4 anos inquilino onde o senhorio só cobra rendas
do universo da solidão
meus defeitos e suas qualidades exortando
o insólito casal perfeito.

Foi 4 anos eniviado de si mesmo

LITTERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho
Poemas de José Craveirinha

de poéticas algemas atrás das costas
 com direito a um jipe militar,
 banal encenação de quem está preso
 e se ignora ainda vivo
 o mais mudo sotaque do último chão. (ibid., p. 14-16)

MISSANGAS

Do avesso das pálpebras
 gotejam missangas
 de sal.

Penosa
 amargura escorrendo
 faz alcalino o rasto. (ibid., p. 45)

Então meu caro Zé
 o que é isso?

Paciência.
 Maria foi descansar.

Era assim a Maria
 sofrer por ti sofria
 mas as suas lágrimas
 remendavam enxutas
 os rasgões da alma.

Quando um homem chora
 é uma ferida mal sarada
 que nos seus olhos sangra
 com pena dele. (ibid., p. 61-2)

BIRRAS

Quando
 uma das minhas camisas se extraviava
 somente Maria tinha absoluta certeza
 de ter sido a reincidente
 minha inata amnésia
 que me fazia perder as coisas que resolvia dar.
 (ibid., p. 72)

«OLHOS ENXUTOS»

Olhos enxutos
 na dor de luto
 é suplício exclusivo
 de quem mais sofre
 quanto menos chora. (ibid., p. 73)

GOLA PUÍDA

Primeiro a Maria revirou a gola.
 Depois cortou um pedaço da fraida
 reconheceu um primoroso
 colarinho novo.

Nostálgico rememoro
 esses nossos felizes maus tempos
 com a Maria consumando o prodígio
 ao fazer uma desgostosa camisa velha
 tornar-me um invejado Zé de camisa nova.

A esses nossos — agora tão saudosos! —
 atribulados bons tempos retrocedo
 quando a Maria dava outra vida
 à minha agonizante camisa no fio
 pondo outra vez jovem
 a caquética gola puída. (ibid., p. 76)

A GOLA DA CAMISA

Eu não sabia a solução

mas um dia sem me dizer nada
 a Maria pegou na fatigada camisa
 e numa tarde revirou-lhe a gola.

E a dita camisa e eu modernizados
 com mútuo gáudio estreamos-nos 3.^a vez.

Simplicíssima feiticeira
 das hábeis mãos de Maria
 foi essa esplêndida camisa
 vangloriando-me refeita.
 (ibid., p. 87)

MEMÓRIA DOS DOIS

Ambos
 juntos na mesma memória.

Eu
 o Zé que não te esquece.

Tu
 a Maria sempre lembrada. (ibid., p. 145)

PRESENTIMENTO

Desta vez Maria
 espera aí mesmo por mim.

Exilado nos meus versos
 vou ter contigo.

Sem falta! (ibid., p. 162)

OS DOIS EUS E A SOLIDÃO

Em mim
 a solidão é já uma pessoa.

Onde
 a um eu que não chora
 um meu outro eu
 chora tudo
 pelos três. (ibid., p. 221)

PLENONASMOS

A
 dor
 mais dolorida.

Nem
 uma efêmera vírgula
 a reticência de um pão eco
 reticência de um grito sufocado
 soluço soterrado no deserto
 da sua própria vírgula
 abrevia meus semânticos
 pleonasmos de Maria. (M, p. 242)

... E EX.^{MA} ESPOSA

Um
 só momento
 situem-se na minha carne
 ao ler os convites
 endereçados ao casal
 Sr. José Craveirinha e Ex.^{ma} Esposa. (ibid., p. 232)

CANTO DO NOSSO AMOR SEM FRONTEIRA

Mas bem no fundo das almas
 e dos corpos tatuados de esperança
 o clitóris das montanhas nos sexos das nuvens
 pátria do nosso desespero mais desesperado

LITERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho
Poemas de José Craveirinha

pátria dos pés descalços na brancura do algodão
pátria de beijos e promessas de mais beijos
é o nosso genuíno grito mais gritado
a levantar no cosmos a beleza do nome
não renegável de Moçambique! (OP, p. 138)

CULTO
Sábio

altar
de rezas
tua nudez
minha sedosa
madre igreja
de culto. (PE, p. 14)

Herege

sei-me crente
quando
te rezo
desde o fremir
das amaras [sic]
às trincadas
catequese

das

bocas.
E
me sei
suspensão
entre
o sumo
dos gemidos

e hierovulvas

de chipendanas
entoando
mil
hossanas

a rebate.

Deuses
excomunguem
os que desdenham

orar

à Vida
desta maneira. (ibid., p. 15)

O TIMBRE DOS DEUSES

Vivo

um delírio
de corpos
enovelados
tangendo
seus próprios
cânticos.

Dedos

e bocas
em manuais
de Sade.

Desencantados

dos outros
confidenciando-se
néctares

portas

adentro
dos favos
do Céu.

Exaustos

corpos encontram
o timbre
dos Deuses. (PE, p.

17)

Louvada

seja
a água
que satisfaz
minha sede.

Louvido

o milho maduro
da nossa
bela farinha.

E

louvada
seja a mulher
que louva
a génese
do seu ventre
e nos concebe

bem vivos

pão fresco.
perante o mútuo

E

louvados
os lábios
no mútuo beijo
e mútuo pão
da

mesma fome.
(ibid., p. 19)

DEUS À SEMELHANÇA DO HOMEM

A

inata
qualidade
de amar
uns chamam
vício.

É defeito

a redondeza
do Mundo?
É crime gostar

aroma

rosa?
do

Valho-me

do amor
e nele me exalto
e me redimo

tal

como Deus
quando se liberta
invocando-se
alter-ego
do

Homem. (ibid., p. 27)

Giz

de unhas
na lousa
do meu dorso
giza arabescos
de gemidos
que se gostam.

LITERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho
Poemas de José Craveirinha

<p>Teu giz. Minha lousa. Gemidos teus inseridos nos meus. (PE, p. 33)</p>	<p>SEXTO ANDAR Zé querido Não te esqueças de alugar um novo apartamento dizia a carta dela.</p>
<p>Azul de lençol perfumado.</p>	<p>Aluguei-lhe uma nova flat e comprei-lhe um jogo de lençóis para estender na cama nova.</p>
<p>E crisântemos de mamilos meus lábios florindo. (PE, p. 31)</p>	<p>Fui lá com a sua melhor amiga e os dois no sexto andar do prédio minuciosamente estreámos também os lençóis. (PE, p. 72)</p>
<p>Adoro a respiração das multidões.</p>	<p>Porra para a poesia! Que se lixe se não acabo agora mesmo esta merda! Acabei ou não acabei? (ibid.) Soturno</p>
<p>É perdido lá no meio que as deusas das urbes me inculcam o solitário frenesi peculiar dos zangãos. (ibid., p. 44)</p>	<p>atlas oroográfico similar de rugas é meu ex-libris de avô.</p>
<p>ODE À LAURA Minha ode nasce da maravilhosa curva mágica de um céu langoroso no ritmo moreno das belas ancas femininas de Laura. Aonde a ternura de uma pomba a não ser a suave linha do teu ventre dançando nas retiras dos homens a dança mais feiticeira da música poética das tuas pernas? (ibid., p. 63)</p>	<p>Em abusos do débil ancião belas adolescentes argutas sempre que podem corrompem a paz deste velho. (ibid., p. 84)</p>
<p>GATO E GATA Só queria que minha huri me visse tão belo como um velho gato no miar dos cios da sua gata. E dos inevitáveis miaus fazer as unhas da gatária em irrefutáveis ilações arranhar telhados (ibid., p. 87)</p>	<p>AINDA Me recuso a ser um solitário aposentado ancião cabisbaixo na foz do rio da vida.</p>
<p>Na geometria das tuas nádegas minhas unhas aprendem o ritmo da arquitectura natural da curva. Deslizo nelas meu júbilo. Quem inventou a magia desse lado? E a quem cabe extinguir as nádegas se nelas há a geometria do mundo o homem busca os tons da parábola e a mulher não ignora esse destino?</p>	<p>Eu aquele jovem ainda corrompível sessentão a ciciar às meninas subentendidos «até logo» de despedida. O sigiloso etcetra vem depois. (ibid., p. 85)</p>
<p>De nádegas o que o homem aprende é estar nelas onde elas sabem jungi-lo no que são: amuleto nos olhos liturgia das mãos ou estar-lhes em cima. (ibid., p. 74)</p>	